

# GALERIA DE TRAJOS NACIONAES

## OS BIOCOS

O costume das mulheres portuguezas occultarem o rosto em rebuços, biôcos e mantilhas trouxe provavelmente origem da tradição mourisca. Correia Garção, que viveu no seculo passado, assignala esta origem, e dá noticia de que o costume declinava:

Já lá vão os biôcos portuguezes,  
Mourisca usança, barbaro ciume,  
Que uma pobre mulher afferrolhava,  
Quaes se guardam freneticos orates.

As mouras, ainda hoje, quando saem á rua, vestem o *aïke*, especie de toga romana commum aos dois sexos, e cobrem a cabeça, «fazendo um jco de fresta com as duas mãos» (Ruy da Camara, *Viagens em Marrocos*), de modo que apenas se lhes podem vêr os olhos. Por occasião das peregrinações a Meka levam sobre o rosto um panno de Mussul (na Europa, *musse-line*).

Os mouros, no inverno, abrigam a cabeça no capuz do albornoz, e nas outras estações do anno uzam o barrete ou o turbante. Foi certamente d'elles que os nossos cavalleiros adoptaram a touca, á laia de turbante. Os ricos-homens e os seus pagens uzavam nas festas e saraus da côrte, desde o principio da monarchia, toucas bordadas, com plumas (Herculano, *O bobo*; Rebello da Silva, *Odio velho*). Em combate, tambem uzavam toucas de ferro (Herculano, *A morte do liador*).

Parece, porém, que este costume se foi perdendo, e que no seculo xv reviveu, generalisando-se então com o gosto pelos biôcos, que os homens tinham adoptado á imitação das mulheres.

Nas côrtes de Evora, de 1481-82, um dos capitulos apresentados diz que «humm costume mao e muy danoso a vosa Justiça e pouco se *husa ora* em vossos regnos muitos homees asi de cavallo como de pé se embuçam com toucas que lhe nom parece salluo os olhos» isto é, que lhes não deixam vêr senão os olhos. E pede que «os escudeiros e outras quaesquer pesoas de quallquer callidade que seja que amdarem caminho embuçados per maneira que nom sejam conhecidos tanto que chegarem aos lugares de pouoaçom se descubram que lhes pareçam os rrostros porque os homees sam conhecidos.»

O rei respondeu summariamente: «que nom he cousa que se deva defender.»

O costume continuou por todo o seculo xvi, pois que Jorge Ferreira de Vasconcellos, que morreu em 1585, diz no prologo da *Aulegraphia*: «dado que como ando de rebuço a uso de galantes anornetados, não sei se me conheceis agora que vos fallo de face a face.»

No seculo xvii uma pragmatica (1674) prohibiu que os estudantes de Coimbra trouxessem a capa pela cabeça, o que dava logar a abusos por parte d'elles e d'outras pesoas.

Mas, apesar da decadencia dos biôcos femininos notada por Garção no seculo passado, o que é certo é que em nossos dias, comquanto a mantilha já tenha desaparecido, ficarram ainda na tradição nacional, e subsistem em algumas regiões do paiz, os rebuços e biôcos.

Talvez porque ao sul de Portugal a occupação dos

mouros fosse mais longa, e portanto maior a sua influencia nos costumes, ainda hoje as mulheres no districto de Portalegre uzam biôcos com que occultam o rosto, especialmente quando deixam cahir o véu que faz parte integrante do biôco; e no Algarve, apesar de um governador civil querer em 1892 acabar com identica tração, não o conseguiu completamente.

Esse governador civil foi o sr. conselheiro Julio Lourenço Pinto, que publicou então o seguinte edital:

«Faço saber que pelo regulamento policial d'este Governo Civil, de 6 do corrente mez, com execução permanente, approvado pelo governo, determino o seguinte:

Artigo 32.º E' prohibido nas ruas e templos de todas as povoações d'este districto o uso dos chamados rebuços ou biôcos de que as mulheres se servem escondendo o rosto. — Artigo 33.º As mulheres que, n'esta cidade, forem encontradas transgredindo o disposto no precedente artigo serão, pelas vezes primeira e segunda, conduzidas ao commissariado de policia ou posto policial mais proximo, e nas outras povoações á presença das respectivas auctoridades administrativas ou aonde estas designarem, a fim de serem reconhecidas; o que nunca terá logar nas ruas ou fóra dos locaes determinados; e pela terceira ou mais vezes serão detidas e entregues ao poder judicial, por desobediencia. — § unico. Esta ultima disposição será sempre applicavel a qualquer individuo do sexo masculino, quando fôr encontrado em disfarce com vestes proprias do outro sexo e como este encobrindo o rosto. — Artigo 34.º O estabelecido nos dois precedentes artigos não terá logar para com as pessoas mascaradas durante a epocha do carnaval, que deverá contar-se de 20 de janeiro ao entruído; subsistirão, porém, as mesmas disposições durante a referida epocha, em relação ás pessoas que não trouxerem mascara uzando o biôco ou rebuço. — Artigo 41.º O presente regulamento começa a vigorar, conforme o disposto no artigo 403.º do código administrativo, tres dias depois da sua publicação por editaes — Governo Civil de Faro, 28 de setembro de 1892. — Julio Lourenço Pinto.

Nos Açores o costume chegou até nossos dias. Na ilha Terceira as mulheres uzam ainda a capa de rebuço, a que lá chamam *travesseiro*, pendente a toda a altura do corpo como um dominó ou o biôco cingido á cintura. Na ilha de S. Miguel conserva-se pertinazmente a tradição do capello nas mulheres, apesar de todas as tentativas que se teem feito para extinguil-o. Um viajante portuguez descreve o nos seguintes termos:

«Imagine o leitor um sacco de fazenda preta com cantos inferiores em fôrma circular e de oito decimetros de comprimento e seis de largura, e ao qual por meio de fios de arame se conseguiu dar a fôrma ogival. Faça-se na base ou na parte não ogival uma abertura e metta por ella dentro a cabeça, ahi terá uma ligeira imagem do que é o capello.» (*Correio da Manhã* de 26—11—97.)

Em Hespanha, onde a mantilha transparente deixou de ser um rebuço para se converter apenas n'um enfeite, é digno de nota que na Andaluzia, provincia que pela sua situação geographica recebeu dupla influencia mourisca do Algarve e de Granada, a capota das mulheres de Cadiz se aproxima ainda do biôco das mouras.

No seculo xv, quando o costume de occultar o rosto



Mulher de Portalegre



Rebuço de Portimão



Mulheres da Ilha Terceira

No seculo xv, quando o costume de occultar o rosto



Biôco de Olhão

teve uma revivescência para ambos os sexos, veio de Italia a moda das damas da primeira sociedade substituiu em o biôco pela mascarilha, que era mais elegante.

No norte de Portugal, no Porto especialmente, a mantilha, mixto de baetilha e de capa, manto de seda, lapim ou durante rebufando a cabeça n'uma côca de papelão, arqueada sobre os hombros, subsistiu até depois de 1860.

«Ai! — diz Camillo — eu ainda conheci mulheres formosas de mantilha. A graça com que ellas as apanhavam e refegavam na cintura! Como as nalgas se relevavam redondas debaixo do lapim! E o bamboar dos cabellos anelados sob o docel negro e arqueado da côca! E não vae longe isto!»  
(*Carvar em ruínas.*)

Tambem eu, na minha infancia, ainda conheci a mantilha portuense, já meio vencida pelo chapéu, mas ainda resistente como um trajo que, por grave e composto, era tido, pelas senhoras de idade, como o mais proprio para os actos religiosos: a missa e a confissão.

Diz uma cantiga do tempo:

Minha avó é velha,  
Inda quer casar!  
Pegue na mantilha,  
Va-se confessar.

Sem embargo, tambem as meninas solteiras uzavam de mantilha:

Eu hei de tomar amores,  
Ha de ser c'um fabricante,  
Que me dê saia de seda  
E mantilha de durante.

Em geral, uzava-se com a mantilha vestido preto, de sêda ou merino; no pescoço, gorgête de rendas com um broche de ouro esmaltado.

Conheço tambem uma trova allusiva á pirraça que as raparigas bonitas pregavam aos seus admiradores quando, para ir á missa, se embiocavam na mantilha como as velhas:

A menina que é bonita  
Tambem ferra o seu calote:  
Vae á missa de mantilha  
E o pae leva o capote.

Garrett, pelo mesmo motivo, maldisse das mantilhas portuenses, que occultavam a belleza do rosto e a elegancia do corpo:

Fôrmas que Venus para si tomára  
D'essa mortalha d'invenção fradesca  
Quem as libertará? Biôco negro  
De d'onde mal vislumbra  
Raro lampejo de celeste face  
Oh! Quem o rasgará?

Foi o século XIX, o mesmo século de Garrett. E devia ser assim.

O costume já no século passado, como sabemos pelo depoimento de Garção, estava periclitante. O padre Rebello da Costa, referindo-se ás mulheres do Porto, dizia em 1789: «uzam pela maior parte de saia preta, e mantilha da mesma côr; porém, as mais distinctas, e as mais ricas, deixando o uzo das mantilhas, vestem-se de custosas sêdas, e todo o mais trajo de que se adornam, é rico e decente á proporção.»

Comtudo, a mantilha foi resistindo até ao tempo de Camillo, que a viu ainda, e deixou a esse respeito memorias interessantes.

Assim, nas *Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado*, descreve-a em passeio ás hortas. «Alguns passos atraz, iam as senhoras Custodia e Bonifacia, com as mantilhas de durante apanhadas na cintura, as côcas arregaçadas, e os vestidos apanhados, deixando vêr meio palmo da saia branca guarnecida de rendas folhudas, ou assarapantada rêde de bordados.» Descreve-a no theatro, aos domingos de tarde, no bom tempo em que se representava *A degolação dos innocentes*: «... tinham as mantilhas penduradas dos cabides, dando ao interior do camarote um aspecto lugubre de ágape gèntilica.» E' toda uma chronica da mantilha em acção.

A respeito do biôco (touca) das irmãs da Caridade, conta se que S. Vicente de Paula apresentára um dia a Luiz XIV duas das primeiras meninas que se filiaram n'esse piedoso instituto.

O rei, desejando fazer lhes honra, sentou-as á sua meza. Mas durante o repasto encantou-se com a belleza de uma. Querendo, porém, fugir á tentação, tomou um guardanapo, e cobriu com elle a cabeça da formosa donzella, exclamando: «Vicente, de hoje para o futuro é preciso que occultes o rosto das tuas filhas.» E desde então foi por ellas adoptada a touca, reproduzindo a fôrma como o guardanapo ficára collocado pela mão de Luiz XIV.

Herdámos dos mouros o biôco nas mulheres e a gelosia nas casas, para defender a belleza e o pudor do sexo feminino.

O Korão não prohibe, como alguns suppoem, que as mulheres saiam á rua; mas hão de ir com o rosto velado, ou acompanhadas por um eunuco.

Quem não se lembra ainda do tempo, ou o não conhece por tradição, em que as senhoras portuguezas não saham a passeio senão acompanhadas por um ou mais lacaios?

Tem-nos custado a desfazer dos mouros! E visinham ainda á volta de Lisboa representados pelos salojos. Isto cheira bastante a Berberia.



Trajo das mulheres de Olhão depois da prohibição do biôco



Mulher da ilha de S. Miguel



Mantilha do Porto



ALBERTO PIMENTEL.